



Nota de Abertura ROSA NEVES SIMAS



Família e o 25 de Abril

Neste mês dos 50 anos do 25 de Abril em Portugal a temática da família surgiu de novo, na forma idealizada e nostálgica, e não por acaso, pois tal visão romantizada da família assenta no paradigma patriarcal da sociedade. Senão, vejamos.

A palavra família deriva do latim *famulus*, significando escravo doméstico, criado para designar um novo grupo social que surgiu com a agricultura. Assim, a família greco-romana era formada por um patriarca e seus *famulus*; esposa, filhos, servos livres e escravos.

Na época medieval, surge a noção da família materna e da paterna, surgindo o conceito de famílias reais. Porém, os movimentos migratórios provocados pela Revolução Industrial levaram ao crescimento das cidades e à diminuição do tamanho da família, levando à consagração da chamada família nuclear.

É neste modelo de família - pai, mãe e filh@s - que reside a esperança das pessoas saudáveis e edificantes. Todavia, temos os flagelos incubados no ninho da família, que vitimizam especialmente a mulher.

Temos, por exemplo, o cancro da violência doméstica, termo que indica logo onde esta brutalidade acontece, no domus/casa. Do outro lado do espectro, existe a persistente sobrecarga da mulher nos afazeres da casa e família, e as desigualdades daí decorrentes. De volta à violência, damos com os chamados crimes de honra e a mutilação genital.

Estes são apenas alguns dos flagelos que nascem na família. Pois diz a Sociologia: não existe uma época de ouro da família. Portugal, porém, tem o seu 25 de Abril. ♦

Abril é uma Lição, de Sonho e Tradução, e Também Revolução

A tradução “Abril em Portugal” parece uma espécie de prenúncio do que Abril iria representar para Portugal após a Revolução dos Cravos.

ROSA NEVES SIMAS

Na minha vida entre Açores-América e as suas respectivas línguas, já fiz muita tradução, mas confesso que não sei a origem da feliz ideia de traduzir a canção “Coimbra” pela frase equivalente a “Abril em Portugal” em inglês, espanhol e francês. Cantada pela Amália no filme “Capas Negras” de 1946, a melodia é memorável e a letra, original e traduzida, já foi gravada centenas de vezes. (YouTube: Ray Conniff Singers)

Pensando bem, esta tradução da letra original parece uma espécie de prenúncio do que Abril viria a representar para Portugal: o fim do inverno duro da ditadura; o regresso da primavera e da esperança; o início da revolução democrática. Para as mulheres, foi enorme e extremamente significativo o impacto de tal renovação social. Logo em 1974, legislação autoriza o voto feminino, pela primeira vez, (nas eleições de 25 de Abril de 1975, quando 91% da população recenseada votou), enquanto diplomas deram acesso a carreiras,



até então vedadas às mulheres, e.g., na magistratura, diplomacia, e administração local. Desta forma, Maria Lurdes Pintassilgo seria, em 1975, a primeira portuguesa a chefiar uma missão internacional, nomeadamente, na UNESCO; depois, ela foi a primeira mulher a ser nomeada ministra e, entre 1979-1980, foi a primeira e única mulher a ser primeira ministra em Portugal. Depois, em 1975, legislação re-

conhece o direito ao divórcio, contempla os direitos plenos das crianças nascidas fora do casamento, e escrutina as leis que permitiam ao homem matar a mulher por adultério.

Em 1976, a Nova Constituição iria consagrar a igualdade plena de direitos entre mulheres e homens. No campo laboral, foi o direito à livre escolha da profissão, ao salário igual, e à licença de materni-



dade, proibindo o despedimento pela gravidez. Também, os centros de saúde materno-infantil passam a incluir consultas de planeamento familiar, enquanto é abolido o direito de o homem abrir a correspondência da mulher.

Estes são alguns avanços, de 1974 a 1976, que traduzem o sonho de Mulheres de Abril, lições de Abril em Portugal que não podemos esquecer. ♦

Abril 2024

Janela para o Futuro

Mary Temple Grandin, Autismo e Vacas Felizes

Para quem lê o meu título, pode parecer um pouco inusitado juntar autismo e vacas felizes numa mesma frase. Contudo, para a extraordinária mulher de seu nome Mary Temple Grandin essa ligação emoldura-se na perfeição. Ora vejamos. Mary Grandin nasceu em Boston, a 29 de agosto de 1947 e só começou a falar aos três anos e meio de idade. Todavia, teve a sorte de ter apoio de terapia da fala nessa idade precoce, acabando por ser matriculada num jardim de infância



RICARDO CABRAL

normal. A sua mãe, Anna Purves, à revelia de uma recomendação médica para interná-la numa instituição psiquiátrica, insistiu em proporcionar-lhe uma educação formal. Mais tarde, Mary é encorajada, pelo seu professor de Ciências, a prosseguir a sua educação

numa universidade. Mary Temple Grandin fez um Bacharelado em Psicologia, um mestrado em Zootecnia na Universidade Estadual do Arizona, e um doutoramento em Zootecnia, pela Universidade de Illinois. Uma das primeiras mulheres adultas a divulgar publica-

mente que tinha autismo, Mary foi responsável por mudar a perspetiva de toda uma geração sobre o autismo. Depois de provar que a condição não é ensinada, mas sim biológica, passou a desenvolver planos de aulas, dispositivos e mecanismos de Coping para que os jovens com autismo pudessem aprender a conviver com a sua condição. É dela uma palestra de referência sobre o Autismo e Pecuária. Hoje, metade do gado nos Estados Unidos é manuseado em instalações que seguem o modelo que ela projetou. Sem dúvida, uma mulher de sucesso num mundo tipicamente dominado por homens. ♦